

A REPRESENTAÇÃO DO CANGAÇO EM OS BRILHANTES¹

INTRODUÇÃO

O romance **Os Brilhantes** de Rodolfo Teófilo pertence ao regionalismo realista/naturalista que procurava descrever com fidelidade os costumes e os tipos característicos de cada região, partindo da observação da realidade segundo os cânones cientificistas que o embasavam.

Ao contrário do nacionalismo, o regionalismo salientava as diferenças existentes entre as várias regiões do país. É dentro desse espírito que Franklin Távora chega a defender uma literatura do Norte:

Mais do Norte, porém, do que do Sul abundam elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra.²

Partindo-se do apoio de textos de teoria, de crítica e de história literária, e de ciências sociais, este trabalho objetiva analisar a representação do cangaço neste livro, inserindo-se esse fenômeno no contexto social que o motivou (cap.1). O capítulo dois trata da configuração do bandido, buscando-se detectar as causas que o levaram para uma vida marginal, como também caracterizar a sua ação e a sua imagem nos diferentes segmentos sociais. No capítulo três, no entendimento de que o bandido não é apenas um homem, mas também um símbolo (HOBSBAWM, p.128), rastreia-se a carga simbólica de que se reveste sua figura (3.1) e o significado da sua morte e a sua mitificação (3.2).

Pretende-se concluir procurando mostrar, através do destaque de alguns pontos, se a obra foi de fato realizada ficcionalmente.

¹ In: Revista Estudos Lingüísticos e Literários, Salvador/BA, v. I, n. 21/22, p. 149-166, 1998.

1 A CONFIGURAÇÃO DO CONTEXTO SOCIAL

O contexto social representado em *Os brilhantes* de Rodolfo Teófilo se configura polarizado entre forças do bem - os sertanejos “que ainda conservavam a pureza da vida campesina”- e forças do mal - “a horda de malfeitores”. O romance usa o tema do cangaço como pretexto para defender o comportamento perverso e marginal de alguns personagens que, agenciados por desequilíbrio psicológico, não têm controle sobre seus impulsos e ações.

A ação se desenrola em um município do interior da Paraíba, na época “do rei”, onde vive uma população rural constituída por pequenos e médios proprietários, criadores de gado e produtores de gêneros de subsistência, e, na zona urbana, uma pequena burguesia comercial. Da aliança entre esses dois estamentos econômicos, origina-se a força política local que, por meio de partidos políticos, articula-se com o poder estadual e federal cujo poder é transferido para a facção correligionária local que mantém sob o seu controle as instituições, sobretudo a polícia. Os representantes da Igreja, segundo a ótica do narrador, rezam pela mesma “ética costumeira” da elite e, via de regra, endossa as decisões tomadas pelo “mandonismo local”. Os demais habitantes, espécies de agregados, dependem economicamente dos “senhores”. As facções políticas se organizam por meio de alianças em que a troca de favores traz benefícios mútuos nas rixas familiares. Trata-se, pois, de uma sociedade agrária, pré-capitalista, onde a relação de produção guarda traços da relação servil.

O espaço geográfico é de sertão, taxinomia empregada “mais pela forma econômica predominante, que é a pecuária extensiva, do que pelas características físicas, como tipo de solo, clima e vegetação”(GALVÃO, 1972:25).

O poder jurídico local era exercido pela polícia sob o comando de um delegado “que se muda no sertão todas as vezes que sobe um partido”, que, de acordo com essa observação irônica do narrador, dá bem a idéia de “isenção” da justiça por aquelas bandas.

² Franklin Távora. **O cabeleira**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1981. p.10
Número especial – ago-dez de 2008.
Doralice Fernandes Xavier Alcoforado

No âmbito dessa contexto, vai surgir o cangaceiro Jesuíno Brilhante, vítima da parcialidade da justiça, cuja imagem, a depender da ótica do observador, vai oscilar entre a de “santo ou malvado”.

Em **Os Brilhantes**, publicado em 1895, a ação narrativa vai centrar-se na configuração do cangaceiro Jesuíno Brilhante e não propriamente no fenômeno do cangaço. Um narrador onisciente observa à distância, como um frio analista, não apenas os fatos, mas em particular o comportamento dos indivíduos, na tentativa de deslindá-los, a partir de ações e reações, o seu caráter.

A proposta do romance, que pertence ao regionalismo naturalista, é justificar a tese de que a índole criminosa de certos indivíduos é resultante de causas patológicas e hereditárias, respaldada em teorias científicas da segunda metade do século XIX. Com base nessa codificação científica, o caráter humano era determinado por fatores biológicos, raciais e do meio. Se a tessitura romanesca afirmará ou não essa proposta é o que veremos ao final.

Desenvolvendo-se paralelamente ao tema central e fornecendo-lhe subsídios, a seca como um segundo tema do romance. Por sinal, trata-se de um tema já familiar a Rodolfo Teófilo. Em 1880, ele publica **A fome**, em que, com todo realismo, mostra a ação devastadora da grande seca nordestina de 1877 e os conseqüentes problemas econômicos e sociais para os habitantes das áreas atingidas.

Em **Os Brilhantes**, a ação romanesca tem início, sob a ótica onisciente, quando o sujeito da enunciação, escudado pelo distanciamento que essa ótica lhe assegura, apreende as inquietações dos habitantes da pequena vila, decorrentes do cumprimento governamental contida na mensagem enviada ao Presidente da Câmara Municipal. Nesta, recomenda-se a substituição imediata do antigo sistema de pesos e medidas pelo sistema métrico decimal.

O narrador, na tentativa de entender e interpretar a reação das pessoas, busca avaliar a repercussão de tal mensagem entre os cidadãos de diferenciadas funções, não disfarçando, através do discurso avaliatório, a sua própria opinião sobre o fato e sobre os protagonistas do drama que se desencadeou naquela vila.

Comprometendo o desejável distanciamento da visão onisciente, mas favorecendo o realismo da cena, o narrador, com ironia, pinta um quadro caricato do Presidente da Câmara que, em trajes íntimos, soletrando a mensagem recebida, empenha-se na “tarefa árdua e improficua” de decifrar-lhe o conteúdo. Essa grotesca descrição ao lado do termo “matuto”, várias vezes repetidas, com o que designa, denota a imagem negativa que esse homem público passava. Por vezes, com críticas menos sutis, o narrador acompanha todo o embaraço do edil e a sua decisão de “chamar em seu auxílio as luzes do vigário”, que, ao contrário do esperado, não clarearam com a necessária nitidez o obscuro sintagma “systema métrico decimal” e, rejeitando-o com veemência, o vigário desabafa: “Ainda não vi notícia alguma tendo y que não fosse má, e este, logo aonde, na parte mais importante do papel!”. Atribuindo a “maquinações de Satanás”, resolve conclamar o povo do púlpito a lutar contra “este depotismo do governo”.

O povo escutou-o com toda a atenção e antes de terminado o sermão, já todos estavam no firme propósito de reagir contra aquela ordem do governo. (p.31)

Nasce, no âmbito da narrativa, a revolta popular denominada de “Quebra-quilos”, instigada pelo vigário e pelo Presidente da Câmara, “menos por perversidade do que por ignorância”, na opinião do “autor implícito”.

Chiavenato, em **As lutas do povo brasileiro**, ao tentar desmitificar a concepção profunda da historiografia oficial que nega “ao povo qualquer participação profunda nas mudanças da sociedade”(p.5), atribuindo-a aos “grandes homens”, aos “heróis” e aos “santos”, como forma de induzir o respeito à autoridade e o não questionamento das leis, descreve o movimento do “quebra-quilos”, caracterizando-o como “a luta dos sem-líderes” (p.91), ocorrida no interior, em alguns Estados do Nordeste³. De acordo com a historiografia oficial, os sertanejos revoltaram-se contra a introdução do sistema métrico decimal por se sentirem lesados pelos negociantes nos pesos e medidas das mercadorias adquiridas.

Segundo este autor, por trás desse movimento aparentemente desarticulado, há uma contestação crítica à sociedade, afirmando que “na raiz do Quebra-quilos está o

³ Pernanbuco, Paraíba, Alagoas, Rio Grande do Norte e Ceará.
Número especial – ago-dez de 2008.
Doralice Fernandes Xavier Alcoforado

sistema latifundiário nordestino e o abuso fiscal de um governo centralizado.” (p.92). O que pode parecer uma explosão anárquica, fruto da ignorância e do fanatismo, não deixa de ser um extravasamento de revolta de classe.

Em **Os Brilhantes**, o Quebra-quilos foi incorporado à trama ficcional como um movimento espontâneo de contestação de cidadãos honestos do interior do Nordeste e que foi manipulado, de um lado, por bandidos que se aproveitaram da débil estrutura policial e jurídica, para atos de saques e de desrespeito à moral das famílias, e de outro, pelo “mandonismo local” para perseguir os adversários políticos.

Nesse contexto político de parcialidade e autoritarismo, vai emergir a figura ambivalente do cangaceiro Jesuíno Brilhante.

2 A CONFIGURAÇÃO DO BANDIDO

2.1 A IMAGEM AMBIVALENTE DE UM BANDIDO

A trajetória de lutas e de crimes que passou a experimentar após o assassinato de Honorato Calangro, o seu primeiro crime, transformou a pacata vida de brilhante em constante sobressalto advindo das frequentes “bravatas”, “tocaís”, “vinditas” e “trincheiras” que os seus inimigos lhe aprontavam.

No âmbito da concepção maniqueísta em que se estrutura a narrativa - contrapondo-se a todo tempo os “bons”, representados pelos sertanejos, o homem do campo, aos “maus”, os bandidos -, a personagem Jesuíno Brilhante alternadamente participa dos dois pólos na posição ambígua de quem, como sertanejo, possui os traços positivos que são atribuídos ao homem do sertão, mas também os traços negativos com que o narrador carrega a figura do cangaceiro. Através da ótica onisciente, o narrador, instrumentando-se por meio de um discurso avaliatório desenha a dupla imagem do protagonista. No nível manifesto do seu ser, Jesuíno é o cidadão honesto, pacato, bom filho, pai responsável, que as circunstâncias transformaram em bandido temido e respeitado, sobretudo pela frieza e crueldade com que se vingava dos inimigos. Essa dupla face aparentemente contraditória é explicada no nível da narrativa. A índole criminosa que irrompeu nele a partir do testemunho de um assassinato, é justificada por causas de natureza patológica ou hereditária, que tinham permanecido em estado latente:

A sua família, como todas as famílias sertanejas, não deixava de ter suas rixas, intrigas, motivadas em sua maioria pela política. O Brilhante, entretanto, vivia alheio às lutas, porque seu gênio, como ele dizia, não dava para brigar.

(...)

Uma mudança radical havia se operado naquela criatura. Portador da neurose do homicídio, herdada de um de seus ascendentes maternos, mas até então, em estado latente, Jesuíno teria talvez logrado viver sem matar, se não tivesse sido testemunha do assassinato de seu parente. (p.76)

Com essa explicação, o narrador consegue neutralizar a culpabilidade do bandido, bem como atrair a simpatia do leitor. Ao isentá-lo de culpa, mantém a imagem positiva do sertanejo.

Desse modo, com o primeiro crime, irrompe-se em Jesuíta a sua face violenta, adormecida e até então desconhecida, incontrolável, segundo depoimento do próprio personagem: “ – Não pude me dominar, e desde aquele momento não tive mais força sobre mim”. (p.159).

O narrador, na intenção de tornar o personagem convincente dentro da proposta realista-naturalista, carrega os traços em que a frieza e a indiferença com que após o crime contemplava o morto, eram provas evidentes da sua doença:

Comprazia em observar aquelas mutações quando teve a idéia de “assinar” o cabra, como se fora um bode. Em um vivo isto seria o requinte do aviltamento. Em um morto, o maior ultraje que se podia fazer à sua família. Assim, em um abrir e fechar de olhos, Jesuíno “assinou” o Calangro nas duas orelhas com o sinal de “mossa” e “canzil”. (p.167-8)

Com isso, uma nova imagem de Jesuíno aos poucos vai-se firmando. Após o seu enfrentamento com o clã dos Calangros, passa a ser respeitado e admirado por uns e temido por outros. Essa imagem ambígua gerou as “lendas mais extravagantes” que circulavam a seu respeito, admitindo-se, entre outras coisas, o “pacto com o diabo”(p.171) “corpo fechado” e até mesmo admitiam que “se encantava todas as vezes” que quisesse (p.172).

O narrador, não escondendo a sua simpatia pela causa de Jesuíno, relata a mudança de tática dos Calangros. Na estratégia que haviam traçado para derrotar seu opositor, utilizam-se do prestígio político da sua facção junto ao poder provincial e, motivados pelo ódio ao clã dos Soares, alardeiam o estado de anarquia em que se encontrava o município, devido às ações criminosas de Brilhante. O discurso avaliatório do narrador dá bem a medida do seu “parti pris”:

A representação surtiu o desejado efeito. Nele haviam sido relatadas com exageração e parcialidade as mais horríveis atrocidades, desde **o bárbaro assassinato do inerme Honorato até o trucidamento do pacato Pedro Jurema**. (p.172)

Sobre o envolvimento de um narrador que se pretende distante, dizem os autores do Dicionário que se pretende distante, dizem os autores do Dicionário de teoria da narrativa:

... as possibilidades seletivas da focalização onisciente implicam uma vertente subjetiva; selecionando o que deve relatar, o narrador explícita ou implicitamente interpreta, do mesmo modo que formula juízos valorativos. (REIS & LOPES, 256)

Jesuíno, até aquele momento, esperava poder retornar a sua pacata rotina:

O Brilhante continuou o seu caminho bem disposto a depor as armas, uma vez que tinha vingado a morte de seus parentes e lavado em sangue as afrontas que havia recebido. (p.169)

Mas, surpreendido pelo cerco a sua casa pela “força de linha” enviada pelo governo e salvo graças a sua extraordinária acuidade auditiva, seu lado instintivo, tantas vezes demonstrado e ressaltado pela proposta naturalista do texto, pressentiu o inimigo. Este não se identifica apenas com os Calangros. Seu rosto é impreciso, se esconde atrás de uma farda que o representa. Entrou na luta “mais para satisfazer ao pedido dos amigos do que por amor à tranquilidade pública(...)”(p.172). Considerando a gravidade da situação, resolve evadir-se.

Dessa forma, a luta entre os clãs dos Calangros e dos Soares se transforma, ganhando outra dimensão. Esse deslocamento do foco da luta obriga Jesuíno a se preparar, a montar uma estratégia de guerra que permitisse enfrentar a “força do governo”:

Tinha necessidade de um esconderijo onde, ignorado dos inimigos, pudesse traçar a linha de defesa e refletir maduramente na situação e nas eventualidades do futuro. (p. 181)

Encontra o lugar seguro numa gruta⁴ e aí instala o seu “quartel”:

Escolheu uma gruta cavada em esquisitos e solidários penhascos e se aboletou nela com o liberto. A caverna era espaçosa, mas de difícil acesso. Duas grandes rochas disfarçavam a entrada da gruta e tão bem, que era preciso grande atenção para não se varar a porta. A abundância d’água e caça tornava fácil a vida. (p.181-2)

O grupo que o acompanhava na luta contra os Calangros para aí é deslocado. Até então unido não apenas pelos mesmos propósitos, mas também por laços de consangüinidade, o grupo ganha mais dois membros, Pajeú e Cobra Verde, que, ao contrário dos outros, terão também um soldo e cuja função era defender Brilhante “em caso de perigo”. Bem alojador, com “víveres, dinheiro, munições e cavalgadas”, os oito homens sob o comando de Jesuíno se preparam militarmente:

Todas as tardes saíam a cavalo para o exercício de fogo. Iam a uma légua da gruta, a uma extensa chapada e aí se exercitavam no tiro. Atiravam ao alvo, simulavam lutas, sempre montados. Os cavalos já amestrados faziam proezas de agilidade. O estampido das armas não os espantava mais. A um assobio estridente do cavaleiro, o animal corria desembestado, e parava em cima dos pés quando um outro sinal o avisava por isso. Todos já montavam admiravelmente bem. Tomavam todas as posições a cavalo, chegando mesmo a correrem abraçados à barriga da cavalgada. (p.204)

(...)

Jesuíno dirigia o exercício com a maior superioridade. Não via ali parentes e sim inferiores. (p.204).

Tinham grande respeito e temor ao chefe, respeito advindo das suas superiores qualidades comprovadas a cada momento.

O grupo possuía um sistema de comunicação que possibilitava, em pouco tempo, através de “um longo assobio” ou um sinal do “buzio”, se reunirem para diferentes tarefas. Dessa forma, se preparavam para enfrentar as forças do governo.

Em vários momentos, o discurso do narrador dá destaque às qualidades de estrategista e de comandante de guerrilha de Brilhante, quando em discurso avaliatório não esconde a admiração pela sua coragem, destreza, autodomínio e liderança.

Guiada pelos Calangros, a “força do governo” chega até ao esconderijo de Brilhante. Após troca de tiroteio e muitas baixas, resolve “tocar retirada e conduzir os mortos”.

Com isso, planos estratégicos militares de Jesuíno tinham de passar por modificações. Resolve “abandonar aquele rancho e se fortificar na casa de Pedra”.

O cerco se apertava. Depois do insucesso do ataque à fortaleza da serra do Cajuerio, os soldados cercaram a casa da família de Brilhante sob a alegação de que ali

⁴ O esconderijo em grutas foi sempre uma prática dos fora-da-lei. O famoso bandido Dick Turpin

se encontrava para visitá-los. Matam-lhe um irmão adolescente, maltratam a sua mulher e as crianças, incendeiam a casa. O narrador se solidariza e, mais uma vez, toma partido do clã dos soares ao relatar os fatos como “os tristes acontecimentos daquela manhã” (p.211).

Nesse momento, verdadeira metamorfose se processava não apenas no seu espírito, mas também na sua fisionomia:

As feições, em uma decomposição medonha, não eram menos aterrorizantes do que a expressão dos olhos, de uma ferocidade indescritível. O liberto, acostumado com as cóleras de Jesuíno, desta vez estranhou-o e teve medo. Não parecia um homem, parecia um demônio. (p.212)

Brilhante tem consciência de que enveredou por um caminho sem retorno. Sua vingança não era mais contra os Calangros:

... mas os homens de farda, quaisquer que fossem, embora estranhos inteiramente aos seus ódios e lutas (...). Os seus inimigos eram agora somente os soldados e o governo que os mantinha. (p.218)

Mas esses momentos de fereza alternavam-se com outros em que a expressão de bondade, ternura e piedade fazia aflorar o seu espírito humanitário:

Jesuíno viu-os chorar e se doeu deles.

(...)

Quis sair do esconderijo e propor a paz aos inimigos, tal a pena que lhe produziu o pesar dos moços. (p.168-9)

É também o famigerado bandido que se comove até as lágrimas ao ver os estragos que a seca produzia no meio ambiente ou nas levadas de retirantes:

Jesuíno seguia pensativo. Aquelas tristezas lhe entravam d’alma adentro em borbotões, e o criminoso de hoje voltava dez anos para o passado e chorava, comovido diante das ruínas daqueles lugares queridos. O gênio do extermínio não havia deixado sequer, no coração das populações flageladas, uma esperança de salvação! (p.234)

2.2 O RITUAL DE INICIAÇÃO DO BANDIDO

O descentramento de foco de luta familiar e localizado - Os Calangros - para o restranho e deslocado - “forças do governo”- vai exigir de Brilhante não apenas mudança de táticas de guerrilha, mas toda uma preparação psicológica indispensável a todo comandante em luta armada. As escaramuças contra os Calangros tinham não apenas desenvolvido algumas qualidades latentes, como também exercitado o usop e manejo das armas.

Agora, como “fora da lei” “oficial, com várias mortes nas costas e a polícia nos calcanhares, Jesuíno teve de passar por um ritual de iniciação. O sertão é o espaço que engendrará essa transformação. Como um espaço ambíguo, o sertão vai oferecer as duas faces da moeda: a dadivosa, representada pelos abrigos seguros, suprimentos em abundância, no meio de uma mata exuberante em beleza e hospitalidade - o paraíso. E, nas várias descrições da natureza, o narrador trai por vezes a proposta naturalista, no texto, apresentando a “Natureza” mãe romântica, “vigorosa e sadia”, solidária e acolhedora:

O olhar em doce contemplação se fitava na face alcantilada da rocha e o seu espírito infeliz, um pouco livre do jugo das tribulações, gozava um instante de sossego e paz. (p.192)

Mas o outro lado da moeda apresenta a face inóspita a ser domada - o inferno -, necessária à forjadura do héroi, em que autodomínio, prudência, plena atenção, agilidade e destreza precisavam ser testados e fortalecidos. Assim é que na primeira noite na mata, após a fuga da cidade, só, Brilhante pôde concluir que a caverna lhe dava segurança, mas exigia-lhe, em contrapartida, a plena atenção dos sentidos necessária para evitar as arapucas que a mata arma em cada canto. Em **Corpo vivo** de Adonias Filho, Inuri é o “preceptor” que inicia Cajango nas sutilezas e armadilhas da mata. Brilhante tinha de aprender só:

Só na gruta, na escura caverna, o Brilhante pensava na sorte que o esperava, (...)

Era uma vida de fera. Dormia no chão e comia exclusivamente a carne dos animais que matava, assada sem sal. Passava as noites deitado de bruços sobre o bacamarte, tendo à mão a faca de ponta. Deitava-se mais para descansar do que para dormir. (p.182)

Mas a prova de fogo estava por vir. Nas tentativa de explorar as redondezas da gruta em que se achava escondido, investiga outras alternativas de esconderijo seguro, tendo muitas vezes de subir “de gatinhas” e descer “como cobra perigosos precipícios”, trepa no tronco de uma árvore para passar a noite, o que lhe garantia estar a salvo das cascavéis que “se tinham assanhado com a sua presença” e que “soavam os maracás” a qualquer ruído seu.

Dessa forma, “Jesuíno passava pela maior provação da vida” (p.194) reconhece o narrador que acompanha atentamente o seu ritual de iniciação:

as pernas pesavam como se fossem chumbo e parecia-lhe que estavam dentro de formigueiro. (...) Por vezes tivera ímpeto de cair e se deixar picar pelas serpentes; mas a repugnância que tinha àqueles répteis, muito maior do que o medo que lhe causava a morte, o conservava de pé e imóvel à custa de um esforço supremo. (p.195).

Mas o teste oferecia ainda outras sutilezas para comprovar mais uma vez o seu autodomínio:

Assim desalentado estava quando sentiu roçar-lhe um corpo sobre o pé direito. (...) o membro tocado estava tão dormente, que se lhe afigurava com um volume dez vezes maior (...)
O corpo que o havia tocado, subiu de perna acima por baixo da calça.
(...) Não havia dúvida, era uma cobra. A pele, mesmo dormente, dava-lhe ciência da evolução do réptil. Jesuíno estirado num espasmo nervoso, com os cabelos hirtos, todo crispado num arrepio de nojo, sentia que a serpente, agrada do calor dele, se enrolava desde a junta do pé até o joelho. Aquela espiral de gelo lhe transia as carnes, e o contato das escamas lisas da cobra o agoniava tanto que o fazia suar frio. (p.195-6).

Nesse processo de engendramento do herói, os penhascos do sertão reservaram-lhe um último teste de um estágio que, se vencido, daria acesso a um mundo de eleitos, de seres especiais que tivessem cumprido as provas ritualísticas da iniciação. A última prova, além do controle emocional, testa-lhe a coragem, destreza, autoconfiança, em que físico, mente e espírito pudessem estar unificados:

A ponte media cinco metros de comprimento sobre um leito de vinte centímetros.
Depois de olhá-la alguns minutos, batizou-a como “Titela do Perigo”
(...)
Meditou por algum tempo e resolutu caminhou para a ponte. Ao chegar à entrada da titela parou, fez do bacamarte maromba e, com os olhos fitos na

pedra, foi andando a passo, de ponte a fora. Era imponente a figura serena do Brilhante caminhando na crista de um precipício, com uma coragem que metia medo. Tranpôs o abismo e chegou à rocha. (p.200).

Essa travessia que lhe dá acesso à caverna, batizada de Casa de Pedra, onde vai mais tarde abrigar-se, simbolicamente significa a entrada do herói na posse do seu castelo, o seu “reino encantado”, de onde sairá para vivenciar as aventuras de um bandido nobre, de um cavaleiro medieval.

2.3 O BANDIDO NOBRE

A mudança do grupo para a “Casa de Pedra”, fortaleza inexpugnável e inatingível, é prova cabal de que o cerco das “forças do governo” estava se estreitando. Aquartelados ali, os bandidos desciam para o vale para a ação de guerrilha contra a polícia. O espaço onde se desencadeia a luta apresenta uma configuração ambígua: a montanha, onde se encrava a “Casa de Pedra”, simbolicamente é o espaço épico da liberdade onde Jesuíno era “o rei”, “o senhor absoluto” e a sua palavra era a lei, a lei justa e alternativa que corrigia as distorções e as injustiças aos pobres e oprimidos; o vale, o espaço da repressão, da punição, da “ordem” social instituída, oficial.

Convivendo entre essas duas ordens, Jesuíno, utilizando-se das táticas de guerrilha, ora provoca e ataca o inimigo, ora recua e atrai para armadilhas. Nessa luta de escaramuças com a polícia, o grupo sempre se mostrou mais ousado, eficiente; a coragem e o destemor eram o denominador comum e, dessa forma,

Crescia cada vez mais o temor que o Brilhante infundia no espírito dos habitantes daquelas cercanias. Os assassinatos dos soldados e a audácia com que os mandava provocar no quartel mais robusteciam a crença de que Jesuíno tinha secreto pacto com o diabo. (p.217)

Embora tenha sido empurrado para a marginalidade, as suas ações seguiam um código moral no qual ele não admitia o menor arranhão:

Os que me acompanham não pegam no alheio e nem faltam com o respeito às famílias honestas. Estes dous crimes são os que eu mais abuso. Fugam de cometê-los porque para eles não há perdão. (p.189)

De “vendetta” pessoal, a sua ação criminosa vai-se transformando em uma luta de dimensão social em defesa de injustiças contra os oprimidos: “Constitui-se juiz e juiz absoluto naquelas cercanias” (p.228).

Porém, “só tomava conhecimento dos crimes praticados contra a honra e a propriedade ...”. E ai de quem “os tendo cometido, não os reparasse com o casamento ou a restituição. Para os que se negavam, só havia uma pena - a morte”. (p.228)

Por essas suas características, Jesuíno se enquadra no que Hobsbawm define como bandido nobre:

... aquele que corrige os erros, que dispensa a justiça e promove a equidade social. Sua relação com os camponeses é de solidariedade e identidade totais. (p.37)

Assim, “castigando com severidade e justiça”, Jesuíno conseguiu quase acabar com os “estelionatos” e os “defloramentos”. Um filho de um fazendeiro deflorou a filha de um vaqueiro. Informado, Jesuíno dá um prazo para o rapaz casar com a “ofendida”. Pensando poder escapar de tal sentença, o rapaz resolve fugir. Capturado dá-lhe o ultimato: “Casar ou morrer”.

Semelhantes atos dão

... a Jesuíno grande popularidade. Todos o respeitavam e acatavam como uma garantia sólida de seus diteiros. A intriga do Brilhante com o governo e os soldados em nada os prejudicava. (p.229)

Não resta dúvida de que o bandido nobre não é visto como um “assassino comum”, mas “como um agente de justiça, um restaurador da moralidade” (HOBSBAWM, P.40).

Dessa forma, os conterrâneos do Brilhante têm dele uma imagem ambivalente: “Todos temiam o seu ódio e louvavam as suas ações generosas” (p.227) que faziam com que as noções de honra e de vingança, bem como o cunho coletivo de suas atuação estivessem intimamente ligados a sua figura.

Mas é com a seca que a imagem de nobreza vai-se consolidar, fazendo com que esse bandido se tornasse um verdadeiro paladino da justiça.

O autor, ao ficcionalizar a seca, que como calamidade cíclica assola o Nordeste brasileiro, mantém-se fiel ao referente histórico que aponta a seca de 1877 como uma das mais rigorosas que devastaram essa região. A ela, Euclides da Cunha em **Os Sertões**

Número especial – ago-dez de 2008.

Doralice Fernandes Xavier Alcoforado

também vai fazer referência (CUNHA, p.44). O narrador, em imagística forte e prosopopeica, assim a consta:

Os sertões do Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará, Pernambuco torciam-se flagelados pela seca, que dizimava largamente homens e rebanhos. Estavca declarada a seca de 1877, (...) (p.232)

A seca, com “seu cortejo de misérias e tribulações”, vai pôr a nu uma outra antinomia entre a montanha e o vale:

Os campos enegreciam com as folhas, que o sol crestava e o vento atirava ao chão.
As águas desapareciam das fontes, e os rios iam pouco a pouco se reduzindo a regatos prestes a cortar. (p.232)

Enquanto isso:

A Serra do Cajueiro surgia dentre aquelas ruínas de incêncio vestida de verdes arvoredos, como o tom vivo da alegria na pretidão da floresta nua, esquelética. (p.233)

Jesuíno, instado a descer para testemunhar os “prejuízos que lhe causava o flagelo”, sentiu que a seca lhe abatia os ânimos como nenhum outro inimigo e “que a coragem pouco a pouco o abandonava” (p.237). Diante da sua impotência, resolve voltar para a montanha “para não ver mais provada a sua nulidade” (p.243).

A desolação, a fome, a morte estendiam-se pelo Sertão. Os bandos de emigrantes esfomeados que subiam a serra “iam comendo tudo que encontravam” (p.249). “Já não havia morcego nas cavernas, nem sapos nos pântanos” (p.248).

Jesuíno, compadecido diante daquele quadro de miséria, socorre as vítimas, distribuindo com elas as provisões que guardava na “Casa de Pedra”. O seu ato de solidariedade naqueles moldes não poderia continuar, tendo em vista a iminência de acabarem-se os suprimentos e o aumento do número de flagelados que para lá acorria depois que a notícia da sua generosidade se espalhou.

A guerra não era contra os soldados que lhe tinham dado trégua. Era contra a fome.

Jesuíno parte para saques a comboios de gêneros alimentícios que o governo mandava para as vítimas da seca e a que os agentes de socorro públicos davam um destino segundo interesses políticos. Deste ato ousado ele assume a responsabilidade em

carta ao Presidente da província, a fim se isentar de culpa o freteiro, ratificando dessa forma a sua “nobreza de caráter”:

...tive a feliz idéia de atacar os comboios, que mandais distribuir pelos sertões, mas que serviam apenas para engordar os nossos agentes. Continuarei a minha tarefa e juro-vos, por minha honra, que espero nunca me utilizar de um grão de vossos celeiros. (p.289)

Assim, como bandido nobre, Jesuíno luta contra as injustiças, mas não contra “o rei ou o imperador; fontes de Justiça, (...)” (HOBSBAWN, p.38). Ele é inimigo apenas da “nobreza” local. O bandido nobre, portanto, não “procura criar uma sociedade de liberdade e igualdade”, mas apenas restabelecer “a Justiça ou os ‘velhos costumes’, ou seja, atitudes corretas numa sociedade de opressão” (Id., p.52).

3 O ESPAÇO SIMBÓLICO DO BANDIDO

3.1 A MEDIEVALIZAÇÃO DO SERTÃO

Ao atribuir ao bandido qualidades de cavaleiro andante medieval, o autor, em **Os Brilhantes**, se apropria de uma matéria que transita no imaginário da região que se compara o sertão nordestino ao mundo medieval. Já incorporada à cultura, a medievalização do sertão se assenta no “caráter rural dessa sociedade” (GALVÃO, 1976: 38). É ainda Galvão quem diz:

Aí História e estória se confundem para o sujeito em busca de uma concepção de si mesmo e de sua vida. O acontecido ontem e aqui ombreia com o acontecido em eras remotas e bem longe. (Id., 1972:57)

Segundo essa Autora, esse imaginário alimenta-se de uma tradição letrada que estabelece analogia entre jagunço e “cavaleiro andante, sertão e mundo medieval, latifúndio e feudo; e de uma tradição popular sertaneja “dos causos e das cantigas, bem como dos romances do cordel, (...)” (id., loc. Cit.).

Jesuíno Brilhante, como um Robin Hood, parte da sua Sherwood - a serra do Cajueiro - para as aventuras guerreiras no confronto com o mandonismo. Como “o rei

deste deserto, o senhor absoluto destas paragens” (p.288), escolhe seus vassalos montados que passam a ser denominados e conhecidos por Brilhantes, cognome do chefe. A lealdade, como na ética da cavalaria feudal, era um valor inestimável. Os Brilhantes estavam sujeitos à ética de um código de honra: “Os que me acompanham, não pegam no alheio e nem faltam com o respeito às famílias honestas.” (p.189). Na ética do grupo, estes são os dois crimes “inafiançáveis”. No código de honra medieval, também o roubo era “la pire injure, le crime sans pardon (...)” (SANTOS, p.44).

Como “senhor medieval”, tem seu “feudo” - a serra do Cajueiro - onde a natureza edificou o seu “castelo”, a “Casa de Pedra”, fortaleza inacessível, rodeado por um fosso, cujo único acesso, como nos castelos feudais, era através de uma longa e estreita ponte - a “Titela do Perigo” -, só atravessada por iniciados que demonstrassem desprezo pelo perigo e não temessem à morte.

O status de “nobreza” era distinguido pela condição de estar montado: “grandes senhores necessitavam de ter, como vassalos leais, guerreiros montados (...)”, diz HAUSER, quando fala da cavalaria feudal (p.280).

O Nordeste manteve a tradição ibérica de conferir “posição” aos ofícios do que “anda acavalo”. Por exemplo, a função de vaqueiro só era exercida por homem livre e era uma atividade que encerrava certa importância, se comparada com a do trabalhador de enxada.

Também o cangaceiro que se deslocava a cavalo, sente-se como um cavaleiro guerreiro das estórias que povoam o imaginário do sertão, reminiscências das cavalhadas, das lutas entre mouros e cristãos.

Para atingir a posição de cavaleiro guerreiro, todos do grupo passaram por rigoroso treinamento onde “exercitavam no tiro”, “simulavam lutas sempre montados”. Como cavaleiros medievais, passaram por todo um ritual de iniciação. “Os cavalos já amestrados faziam proezas de agilidades” (p.204). A um suave toque de espora ou manejo de rédea, o animal entendia a intenção do cavaleiro. Fazendo-se uma analogia do cavalo com a máquina, nos termos apresentados por Eco em **Obra aberta**, pode-se dizer que, na relação homem x animal, a sintonia era tal que o cavalo não era apenas o

“instrumento sensível” que possibilitava o prolongamento do cavaleiro, num processo de antropomorfização que ampliava o seu raio de sensibilidade (ECO, p.240).

Exalação era o cavalo de Jesuíno. Um “animal cardão de estatura mediana, esguio como um galgo e ágil como um gato” (p.213). A sua extraordinária agilidade deve ter motivado o seu nome, dicionarizado como o conhecido fenômeno “estrela cadente” que, no linguajar popular nordestino, é chamado de “zelação”. Nome, aliás, com que Ariano Suassuna em *A pedra do reino* denominava o cavalo de Jesuíno Brilhante: “O cavalo dele chamava-se ‘Zelação’ (...) - Zelação é uma dessas estrelas que correm de noite, no céu.” (SUASSUNA, p.212).

O cavalo parecia “entender o dono e seguir à risca a vontade dele” (p.205). Era-lhe o seu sexto sentido:

Ao atravessarem um regato, o cavalo do Brilhante murchou as orelhas e bufou. Jesuíno mandou fazer alto. Havia gente, nem que fosse a uma légua de distância; o Exaltação tinha sentido e denunciado. O animal fazia prodígios de instinto. (p.205)

As proezas do animal de Brilhante não se resumiam à antevisão de iminentes perigos ou de situações estranhas. A perigosa ponte que dava acesso à “Casa de Pedra”, e que, por isso, fora batizada de “Titela do Perigo”, e que representou sempre um obstáculo insuperável para o grupo, era atravessada apenas por Jesuíno e pelo Liberto. Jesuíno, “montado no Exalação havia passado diversas vezes a “Titela do Perigo” (...)” (p.213) num feito épico digno de um valente guerreiro.

Exalação era, além de tudo, o mais ágil e eficiente integrante da defesa pessoal de Jesuíno:

O freiteiro precipitou-se contra o Brilhante com o propósito de reter as rédeas do cavalo, enquanto feria de morte o adversário. (...) porém, em vez das cambas da brida encontrou-se com as ancas do Exalação e dois valentes couces, que lhe contundiram profundamente o largo peito, o atiraram sem sentidos à distância. (p.269).

Antonio Cândido chama a atenção para a existência de “vínculos profundos entre homem e animal, originados nas fases em que este foi domesticado”, encontrados em sociedades rústicas. (apud GALVÃO, 1972:33).

Provavelmente por ter experimentado também a função de vaqueiro, Jesuíno tenha desenvolvido uma estreita e afetiva relação com o seu cavalo, retribuindo-lhe do mesmo modo as demonstrações de “afeto” e de zelo com que o animal lhe distinguia:

Jesuíno fitou-o agradecido e logo que se aproximou dele, alisou-lhe com o maior carinho as crinas, o pescoço e as ancas. O seu cavalo aceitou imóvel todas aquelas provas de estima que parecia compreender pelo olhar com que fitava o dono. (p.252)

Além do cavalo, Jesuíno exibia grande familiaridade com sua arma, fazendo-a também extensão do seu próprio corpo:

Ao chegar à entrada da titela parou, fez do bacamarte maromba e, com os olhos fitos na pedra, foi andando a passo, de ponte a fora. Era imponente a figura serena do Brillhante caminhando na crista de um precipício, com uma coragem que metia medo. (p.200).

Como um verdadeiro cavaleiro medieval, Jesuíno observava os princípios do código de ética da cavalaria: a nobreza de alma devia estar acima da nobreza de nascimento (HAUSER, p.284). A proteção dos fracos era uma das virtudes. Em várias passagens do texto, o narrador enfatiza a sua nobreza de espírito que sofria, não contendo as lágrimas, diante da extrema precariedade de condições de sobrevivência em que se encontravam os “famélicos” retirantes da seca.

Mas o respeito pela mulher era o princípio do código de honra que ele não transgredia. A depender do tipo de delito, o culpado não tinha qualquer chance:

Negro, não há morte que puna o teu delito, não há castigo no mundo para o teu crime. Vais morrer, perverso! Jesuíno Brillhante nunca perdoou aos sedutores e muito menos aos estupradores. (p.354)

A dedicação e o respeito por uma retirante faminta, que ele encontrou desmaiada, atestam a sua nobreza de caráter, e a cortesia com que a tratava, lembra a maneira de viver do cavaleiro medieval que a onisciência do narrador procura destacar:

Jesuíno tinha conseguido salvar como filha. N’alma do criminoso não passava por um instante o desejo de seduzí-la. (p.302)

A dedicação é tamanha que chega a adiar outros compromissos importantes, como o socorro que devia prestar ao pai preso. Mas como um “cavaleiro medieval” Jesuíno sabe que:

Son savior et as sagesse, tout ce qu'inclut le mot sapientia, trouvent une application essentielle dans la direction de la bataille. La fonction du chevalier est de "servir". (RIDER, p. 19)

3.2 A MORTE EXPIATÓRIA E A MITIFICAÇÃO DO HERÓI

O deslocamento do foco da luta de Jesuíno, centrado agora na polícia, vai significar também a mudança de objetivo de vida. Como um fora-da-lei, no seu dia-a-dia, conviverá taticamente com um estado de guerrilha, defendendo-se ou atacando os policiais que estão no seu encalço. A partir desse momento, não poderá mais levar a vida de um cidadão normal.

Tendo de conviver em permanente estado de alerta, porque tem consciência de que seu destino, "mostrado sob o aspecto daquela dramaticidade dinâmica, que necessariamente conduz ao acontecimento trágico", de que fala Lesky (p.20), o levará a um caminho sem retorno:

Havia mais de cinco anos que vivia foragido, sem lar e sem família, perseguido pelos inimigos, sem um dia só de paz e sossego. (p.227)

Apesar da celebridade conquistada e da simpatia que desfrutava entre seus conterrâneos pelas suas ações generosas e pela "retidão da sal justiça", Jesuíno era infeliz. A vida que levava era como uma pesada carga de que não podia desobrigar-se. O personagem tem profunda noção da sua culpa trágica. O seu conflito consiste na consciência que tem de que age impelido por uma força que é mais forte que a sua vontade e que faz aflorar o lado perverso, vingativo que, por certo tempo, predomina sobre o lado bom e pacato do seu ser:

O ódio a meus inimigos e a sede de sangue que tenho podem muito bem ser uma enfermidade, mas cujos sintomas não exagero. Quisera poder descrever a Vmc., meu pai, a impressão que me causa hoje um homem fardado. Pensarão que quero justificar os meus erros, iludem-se; quem no mundo só deseja ardentemente morrer, não precisa nem da justiça, nem da piedade dos homens. (p.224)

Aristóteles, quando fala da natureza do herói trágico em **Arte poética**, diz que a sua vida deve mudar

... da felicidade para o infortúnio, e isto não em consequência da perversidade da personagem, mas por causa de algum erro grave (...) visto a personagem ser antes melhor que pior. (ARISTÓTELES, P.314).

Mergulhado nessa ambiguidade de sentimentos e ações, Jesuíno, como todo herói trágico, é infeliz e solitário. Como ser estigmatizado, não podia nem ao menos compartilhar da alegria que a chegada da chuva após uma longa e dramática estiagem:

A paz reinará entre eles e verei cumprido o desejo ardente que eu tinha de vê-los felizes e fartos. Terei ao menos essa consolação, já que a paz e o sossego se acabaram de uma vez para mim. Eles voltarão às suas casas e em breve esquecerão o fragelo que os ia matando; e a mim, quando será dado regressar ao meu torrão, viver com a família, tranquilo e feliz? nunca! (p.330)

Mesmo no convívio no seu grupo, o herói é um solitário. As suas qualidades o distanciam dos demais companheiros. A sua autoridade emana dessa diferença; é a razão por que impõe respeito. Impõe-se pelo que é, pelo que diz, que pelo faz. Essas qualidades superiores o farão respeitado, temido, mas não amado!

... poucos eram os companheiros que sacrificariam a vida na defesa da vida do chefe. Mais pelo temos que tinham dele, do que por lealdade, peleariam até a morte (...). (p.445)

A dissidência no grupo é marcada pela introdução de uma mulher entre eles. Como Malva no Grupo de Cajango, em **Corpo Vivo**, Maria, a retirante, vai fragilizar a segurança até então existente na “Casa de Pedra” que fazia dessa fortaleza lugar onde Brilhante se sentia totalmente protegido.

A “Casa de Pedra” era o lugar onde apenas Brilhante e o Liberto tinham acesso. A retirante desmaiada para lá foi levada nos braços do chefe dos bandidos, cujo único objetivo era restituir-lhe as condições básicas de saúde e que para isso necessitava de cuidados especiais. A indisfarçável concupiscência com que o Liberto olhava a moça, fez Jesuíno transferi-lo para o aposento do grupo.

Por ciúme, seu ex-escravo tenta matá-lo, mas é vencido e morto:

O corpo do cabra já estava teso como um prego.
Jesuíno teve repugnância de carregá-lo e amarrando-o pelos pés, arrastou-o até a boca da caverna.
Aí, depois de estirá-lo no batente, com um forte pontapé atirou-o no abismo,
(...) (p.343)

Os sofrimentos físicos e morais de que o herói trágico é vítima, forjam-lhe a vontade, o controle emocional, a resistência à dor necessários não apenas ao cumprimento do seu destino trágico, como também ao engendramento do ser especial que será perenizado como mito no imaginária coletivo.

Os sofrimentos experimentado por Brilhante no acidente da Furna do Diabo, quando procurava romper o cerco policial após o fracasso de Pedra Furada, vão marcar o início do declínio do herói.

A presciência do narrador prepara o leitor para essa fase:

A estrela propícia que havia guiado Brilhante durante nove anos de lutas, começava a eclipsar-se. (p.443)

Da ambiguidade expressa na metáfora, pode-se inferir exclusivamente sobre a sorte do bandido que de repente lhe virava as costas, mas também sobre a morte do cavalo Exalação. No item anterior já se referiu ao significado do nome do cavalo. Jesuíno, montado sobre uma “estrela que corre”, se tornava invulnerável na luta contra seus inimigos. Essa morte, simbolicamente, significa que o herói está desprotegido, indefeso, vulnerável. Assim, sem a “estrela” que o guiara e protegera por tanto tempo, está exposto aos reveses, à traição.

O autor implícito, usando a autoridade que lhe confere essa condição, preconiza: “Era chegado o tempo de se cumprir a lei fatal das compensações.” (p.444).

Os sofrimentos físicos e morais vivenciados “na escuridão da caverna, no silêncio tumular do abismo” (p.426) levam o herói a um estado de reflexão. Por trás dessa reflexão, infere-se a ideologia do autor: uma visão maniqueísta de mundo em que a divindade pune os maus e premia os bons. Jesuíno, ao fazer o “mea culpa”, antevê para si “uma eternidade de penas”, em oposição “a eternidade de gozo” que lhe estava vedada. É a lição moralista que o narrador quer passar de que o crime não compensa.

Jesuíno, menos pelo temor de castigo, do que desejou de gozar as delícias de todos aqueles céus, por um instante, o primeiro na vida, arrependeu-se de ter morto e de não se ter deixado matar. (p. 427)

Aproveitando-se do momento de vulnerabilidade por que passava o herói, a traição, fomentada pelos inimigos, penetra no seio do grupo, através de Cobra-Verde:

– Aquela casta de gente é madeira para toda obra. Cabra alva rinto e de olhos de gato, na safadeza, não se perde um. (p.146)

O bandido nobre, segundo HOBBSAWM, “morre invariavelmente, e apenas por traição, uma vez que nenhum membro decente da comunidade auxiliaria as autoridades contra ele.” (p.38)

A morte por traição vem surpreender Jesuíno num momento de enfraquecimento físico e de solidão, quando atravessava a “Titela do Perigo”. Cobra-Verde é o agente. Aliás, este sintagma reúne dois termos que, no âmbito da narrativa, conotam negatividade. Juntos, formam a metáfora perfeita da traição. Só um ato covarde e traiçoeiro surpreenderia Brilhante dentro de sua fortaleza. Por outro lado, nenhum outro lugar era mais digno e próprio para a sua morte do que aquele cenário épico e grandioso como fora a sua vida de aventuras de “cavaleiro andante” na defesa da Justiça:

O corpo de Jesuíno se embrulhou com o próprio peso e rolou de abismo abaixo até as profundezas do antro (...) (p.463)

A não visualização do corpo cria um halo de mistério que envolve sua morte, necessário ao surgimento do mito:

La mort d'un héros n'est pas que le debut de sa vie véritable, et c'est après la mort d'Ajax que Teucros, Ménélas, Agamemnon, Ulysse, le feront apparaître sous son vrai jour. (MÉAUTIS, p.26)

Com a morte, o herói é restituído à natureza onde será reabsorvido, significando o apagamento das suas referências históricas necessário ao engendramento do mito, quando novas referências serão criada a este, perenizado pela memória, será transmitido através de narrativas.

A morte do herói, traído, “sozinho de amigos ou amor”⁵, referenda a solidão como estigma do herói trágico e o conseqüente reconhecimento da culpa trágica. Com a sua morte, o bandido espia as suas faltas, a sua vida de crimes que as normas da sociedade com o social.

⁵ Guimarães Rosa. Nada e nossa condição. In: _____. Primeiras histórias. Número especial – ago-dez de 2008. Doralice Fernandes Xavier Alcoforado

Com a morte de Brilhante, surge o mito que vai alimentar a imaginação dos poetas, incorporando-se no imaginário da região. Jaspers, ao tratar do trágico, o concebe como algo que vai além da “destruição incondicional e insensata”, acrescentando:

Não há tragédia sem transcendência. Ainda na obstinação da mera autoafirmação no naufrágio, face aos deuses e ao destino, há um transcender: para o ser, que o homem propriamente é (...) (apud LESKY, 1971:43).

CONCLUSÃO

A representação do cangaço em *Os brilhantes* de Rodolfo Teófilo é estruturada através da ótica de um narrador não dramatizado e a partir de um “centro de consciência” de onde os fatos narrados são selecionados e interpretados. Nos bastidores dessa visão, se posiciona o autor implícito que, em graus de maior ou menor disfarce, deixa aflorar a sua visão de mundo.

Idealizado e concebido dentro dos cânones positivistas de regionalismo naturalista, o romance procura captar as tensões do contexto social da época, final do século passado, no sertão nordestino. A configuração dos fatos, no entanto, revela um deslocamento de ângulo da proposta inicial, para o centramento numa concepção maniqueísta de sociedade que se alicerça no confronto Bem versus Mal. Essa contradição entre a proposta consciente e a realização ficcional vai-se repetir em outros momentos.

O autor pretende defender a tese de que o comportamento violento dos personagens é fruto de distúrbios psicológicos de origem hereditária ou de mistura de raças “inferiores”, respaldada em teorias deterministas da segunda metade do século XIX e enformadas pelo naturalismo. Possivelmente, Rodolfo Teófilo, ao estudar farmácia na Bahia, deve ter tomado conhecimento das teorias racistas defendidas por Nina

Rodrigues, professor de Medicina Legal da faculdade de Medicina da Bahia e divulgadas em seu livro **Os africanos o Brasil**.

O romance vai aos poucos se contaminando por procedimentos do ideário romântico que vão enfraquecer a tese cientificista. Assim, esse ideário vai ganhando corpo, convivendo lado a lado com o naturalismo. Em várias passagens do romance, a idealização está presente não só em descrições da natureza, em que o mito da Natureza-mãe acolhedora e protetora domina a cena, como também na concepção do herói. Jesuíno é um bandido nobre, virtuosos, mas infeliz, que defende os carentes de justiça e de pão, utilizando-se para isso de ações fantásticas dignas de qualquer super-herói, que o vão perenizar como mito.

Aliás, essa visão idealizada do cangaço e do cangaceiro, a que não falta a presença perturbadora da mulher, numa relação conflituosa triangular, a ser resolvida no pós-morte em outro plano, está muito próxima de uma matriz popular. Esta vem se perpetuando na memória da região através do cordel e de romances tradicionais, constituindo-se num ciclo do cangaço, a que pertencem o romance Zé do Vale e os folhetos sobre cangaceiros famosos, entre os quais “A verdadeira história de Jesuíno Brillhante: cangaceiro e herói”. Nessa matriz, também Rodolfo Teófilo deve ter se inspirado.

No nível ideológico do discurso romanescos, observa-se também o esvaziamento de uma proposta liberal com que, acredita-se, o autor comungava. O que sobressai do texto é uma visão conservadora moralista, de cunho maniqueísta e de preconceito racial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES SOBRINHO, José. **A verdadeira história de Jesuíno Brilhante**: o cangaceiro e herói. C. Grande (Pb), 1977. 2v. (folheto de Cordel).
- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969.
- BOOTH, Wayne. **A retórica da ficção**. Lisboa: Arcádia, 1980.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1976.
- BRONZEADO, Sônia Lúcia Ramalho de Farias. Messianismo e cangaço na ficção nordestina: análise dos romances **Pedra Bonita** e **Cangaceiros**, de José Lins do Rego, e **A pedra do reino**, de Ariano Suassuna. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1988. mimeo. (Tese de Doutorado em Literatura Brasileira).
- CÂNDICO, Antônio. **Vários escritos**. 2 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 5.1984
- CHIAVENATO, Júlio José. **As lutas do povo brasileiro**; do “descobrimento” a Canudos. São Paulo: Moderna, 1991.
- COUTINHO, Afrânio (dir.) **Literatura no Brasil**. 3. ed. ver. atual. Rio de Janeiro: José Olympio/UFF, 1986. v. 4.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões**: campanha de Canudos. 27. Ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.
- ECO, Umberto. **Obra aberta**; forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- ELIADE, Mircea. **Mito y realidad**. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1968.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do falso**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. **Saco de gatos**. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- GUILLAUME-ALONSO, Araceli. Du banditisme au bandit: quelques réflexions en guise de synthèse. In: _____. **Le bandit et son image au siècle d’or**. Paris: Casa Velásquez/Publications de la Sorbonne, 1991.
- HAUSER, Arnold. **História social da Literatura e da arte**. 4. Ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982. T. 1.
- HOBSBAWM, E. J. **Bandidos**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

- LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**; história de uma ideologia. 3. ed. rev., ref. e ampl. São Paulo: Pioneira, 1976.
- LESKY, Albin. **A tragédia grega**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- MÉAUTIS, Georges. **Sophocle**; essai sur le héros tragique. Paris: Éditions Albin Michel, 1957.
- RAMALHO, Sônia Lúcia. Notas de aula da disciplina “Tópicos Especiais em Literatura Brasileira I”, Curso de Pós-Graduação em Letras - Doutorado, João Pessoa, UFPb, C CHLA, 92/II.
- REIS, Carlos, LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.
- RIDER, Paule le. **Le chevalier dans le conte du Graal**: de Chrétien de Troyes. Paris: Société d’Édition d’Enseignement Supérieur, 1978.
- ROMERO, Sílvio. **História da Literatura brasileira**. 7. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1980. V. 1.
- SANTOS, Idelette Fonseca dos. Le roman de chevalerie et son interprétation par un écrivains brésilien contemporain: **A pedra do reino** de Ariano Suassuna. Paris: Université de Paris III, Sorbonne Nouvelle, Martrise d’Enseignement de Lettres Modernesd. Octobre, 1974 (mimeo).
- SUASSUNA, Ariano. **Romance d’a pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**: romance armorial-popular brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- TEÓFILO, Rodolfo. **Os Brilhantes**. 3. ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1972. (Ed. organizada por Afrânio Coutinho e Sônia Brayner).